

/resenhas



**Yuk Hui. Art and
Cosmotechnics**
(2021). Mineápolis:
E-flux, 2021, 318p.

O papel da arte na ruptura com o determinismo: resenha da obra “Art and Cosmotechnics”, de Yuk Hui

Fernanda Ribeiro de Almeida

Universidade Federal do Paraná (UFPR)
<https://orcid.org/0009-0000-2273-6332>
ribeiroalmeida.fernanda@gmail.com

“Nós modernos somos alcólatras no sentido de que não pararemos até nos confrontarmos com o fim, como a extinção eminente da espécie ou a devastação da Terra” (HUI, 2021, p. 28, tradução nossa). Por trás da investigação sobre a natureza da arte que o filósofo chinês Yuk Hui propõe em *Arte e Cosmotécnica*, obra de 2021 – ainda sem tradução para o nosso idioma –, se encontra a dedicada busca do pensador por uma via de salvação para o ciclo vicioso de autodestruição no qual, segundo seu diagnóstico, a humanidade se encontra.

O livro se apresenta como uma continuação da obra *Recursividade e Contingência*, de 2019, na qual é introduzida a noção de recursividade, central em seu pensamento: marcada por uma lógica circular que volta a si mesma de maneira refletiva para se autodeterminar, a reflexão recursiva também carrega consigo uma contingência que abriria essa circularidade para possíveis – e necessárias – deformações e transformações.

A sagacidade do filósofo chinês já se evidencia na introdução da obra, onde a necessidade de rompimento com o paradigma dogmatismo *versus* criticismo é colocada a partir da diferenciação entre as concepções ocidental e oriental do gênero literário trágico. Segundo Hui, o herói trágico grego se vê subjugado pela fatalidade do destino enquanto deve enfrentar as consequências do livre arbítrio. Por sua vez, a tragédia que se desenvolveu mais tarde no Oriente apresenta o drama do indivíduo completamente sujeito a forças cósmicas que o levam ao cumprimento do seu papel de redenção sob a perspectiva de um Todo, sem que o herói incida na *hamartia* grega – o ato de transgressão que o leva ao declínio. Assim, enquanto a tragédia grega estaria pautada em um drama sobretudo de ordem moral, este gênero tardiamente presente na China se apresentou sob a forma de uma transgressão do Todo, um desequilíbrio do cosmos.

Nesse momento, se mostra crucial o resgate que Hui efetua da filosofia de Schelling e da organicidade que o filósofo alemão pretendeu introduzir na relação entre humanidade e mundo, subjetividade e exterioridade, liberando o pensamento do peso colocado pela tensão entre contingência e necessidade – uma liberação

permitida e possibilidade, segundo o alemão, pela arte. Entretanto, o que se entende por arte?

O filósofo chinês se debruça sobre essa questão no primeiro capítulo de *Arte e Cosmotécnica, Mundo e Terra*, no qual as reflexões de Heidegger sobre o papel da arte e o fim da filosofia ocidental são levantadas a partir do texto *A Origem da Obra de Arte*, de 1936. Resgatando as interpretações fenomenológicas da pintura que surgiram pós-Heidegger, Hui afirma que elas se ocuparam em traduzir formalmente a ausência, tornando-o visível. Este processo seria, sobretudo, não-racional. Como afirma Hui, “*o invisível é ausência, como oposto da presença, mas não significa inexistência. Ao contrário*”, continua o filósofo, “*o invisível existe mas não pode ser capturado como presença, precisamente por não ser figurativo – uma imitação ou imagem-espelho da natureza*” (HUI, 2021, p. 133, tradução nossa).

No capítulo que se segue, *Montanha e Água*, Hui se volta para a arte chinesa – especificamente para o estilo de pintura conhecido como *shanshui* – na tentativa de formular um pensamento que se coloque à parte daquilo que o filósofo designa como maneira trágica de filosofar, ou seja, priorizando a esfera moral e subjugando-a a uma lógica linear, na qual determinadas ações trazem inexoravelmente certas consequências. Em justaposição à lógica trágica e cibernética, Hui visa tratar do que chama lógica daoísta, através dos pensamentos de Wang Bi (226 - 249) e Mou Zongsan (1909 – 1995). Sobre esta lógica, o pensador afirma:

Na lógica daoísta, uma oposição como presença e ausência é colocada no começo da operação, mas não mantida como uma descontinuidade. Ao contrário, a lógica operacional procura harmonizar as duas partes opostas através da afirmação de ambas sem nenhuma forma de violência, seja da imaginação ou da razão (HUI, 2021, p. 147 -148, tradução nossa).

A pintura *shanshui*, ao unificar o mundo humano e o cosmos, o faz, segundo Hui, com suavidade – uma suavidade que, ao contrário da força trágica, carregaria consigo uma lógica plena em potencialidades (HUI, 2021, p. 198, tradução nossa).

No terceiro e último capítulo, *Arte e Automação*, Hui expande sua análise do *shanshui* através do conceito de *basho*, formulado por Nishida, para responder às

principais questões por ele colocada em Arte e Cosmotécnica: qual o papel da arte na filosofia conhecida como pós-europeia ou como filosofias do porvir? De que maneira uma determinada compreensão estética poderia ser auxiliar na especificação do conceito de cosmotécnica?

Quanto à primeira pergunta, Hui a responde a partir da capacidade de unificação que, no seu ponto de vista, a arte comportaria: enquanto o pensamento científico teria como objetivo a amplificação da capacidade dos sentidos, o pensamento filosófico estaria comprometido com o desenvolvimento de sentidos diversos. Duas tendências que encontrariam nas variedades da experiência artística uma conciliação e, principalmente, uma indeterminação, capaz de abarcar uma relação entre arte e tecnologia livre de sobreposições do passado. “*O futuro*”, afirma Hui, “*não é uma projeção do passado ou do presente, mas aquilo que serve igualmente como uma reabertura radical de ambos*” (HUI, 2021, p. 38, tradução nossa).

Quanto à segunda questão, sua resposta se encontra na natureza reflexiva da lógica estética. Aqui, como vimos, a análise que Hui desenvolve do estilo de pintura *shanshui* ocupa um lugar central: capaz de realizar a mediação entre o Ser o Nada, o artista *shanshui* estaria à procura de um lugar de revelação e abertura para o desconhecido, o inominável, trabalhando a oposição de maneira processual, quebrando a linearidade mecanicista predominante no pensamento ocidental até a modernidade. O Nada somente pode ser concebido através do seu oposto – assim, se alcançaria uma dinâmica que Hui denomina de continuidade e unidade oposicionais (HUI, 2021, p. 141). Nesse sentido, a ideia de Dao se sustentaria sobre um movimento recursivo, implicando simultaneamente separação e unificação (HUI, 2021, p. 167).

O pensamento estético, por fim, proporcionaria o que Hui denomina como acesso intuitivo ao mundo e ao cosmos. A autoreferenciação da cosmotécnica seria capaz de acompanhar o caráter mutável da inteligência artificial: capaz de desviar de todas as normas, a I.A. apresenta a si mesma como um paradoxo, já que, ao demandar uma definição de inteligência, se limitaria. Para Hui, manter este conceito

em aberto é essencial para que o futuro permaneça, para nós, como um objeto a ser formalmente e ontologicamente construído, flexível, expandido (HUI, 2021, p. 241).

Nas palavras do pensador:

A decisão de Kant é condicionada por um futuro da metafísica que demanda uma definição específica de razão. Mas, se nós suspendemos tal futuro e retornamos a fragmentos, então talvez nós sejamos capazes de identificar diferentes futuros que não necessariamente metafísicos. O retorno à arte é um desses experimentos, e o reposicionamento da intuição é o um modo de “reabilitar a razão”, nas palavras de Mbembe. No Oriente, nós podemos encontrar diferentes reformulações da questão da intuição (HUI, 2021, p. 252, tradução nossa).

Arte e Cosmotécnica se apresenta como uma engenhosa articulação das principais influências filosóficas de Hui, culminando em uma original e elaborada proposta acerca de temas centrais na história do pensamento. Seja de maneira direta ou tangencial, o chinês coloca em xeque noções como de racionalidade, metafísica e inteligência. Disso se deriva não tanto uma análise concreta e fechada da natureza da técnica, mas sim um convite para a construção coletiva de um futuro que somente pode ser vislumbrado no presente.

* * *

REFERÊNCIAS

HUI, Y. Art and Cosmotechnics. E-flux, 2021.

_____. Recursivity and Contingency. Media Philosophy, 2019.

_____. Tecnodiversidade. Ubu Editora, 2020.

Recebido 10/06/2023

Aprovado 03/11/2023

Licença CC BY-NC 4.0

